ICCHAK MANSKI[1]

(Lida, Polônia, 1921; S. Paulo, Brasil, 2010)

Icchak Manski. Trieste, 1946.
Acervo: Família Manski; Arqshoah/Leer-USP.

1 Entrevista concedida pelas filhas Beti, Sonia e Lilian Manski a Rachel Mizrahi, Esther Regina Neistein e Blima Lorber, pesquisadoras do Arqshoah, em 1º de outubro de 2018, em S. Paulo. Áudio e vídeo: Renata Vernareccia; Transcrição: Pedro Marques das Neves; Iconografia: Nanci Nascimento; Pesquisa complementar: Blima Lorber; Transcriação: Maria Luiza Tucci Carneiro e Blima Lorber.

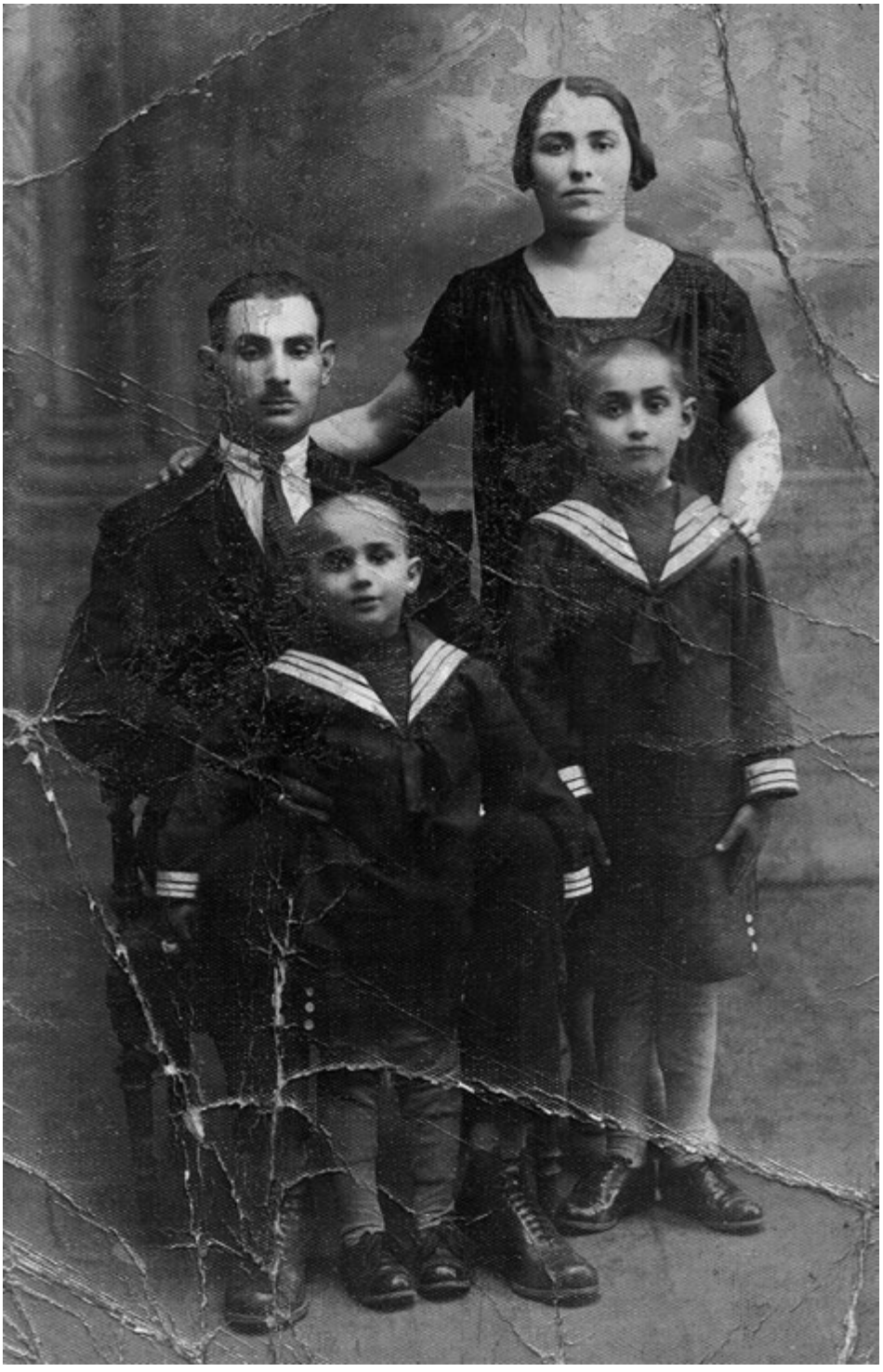
Raízes judaico-polonesas

Icchak Manski nasceu em Lida, então Polônia, atual Bielorrússia, filho de Kalman e Sonia (Sheine) Manski, Lidska de solteira. Sua data de nascimento, 22 de dezembro de 1921, tem como referência o dia e o mês em que desembarcou no Rio de Janeiro, vindo da Itália a bordo do Philippa, em 1946. A data foi por ele escolhida em razão de desconhecer seus dados de nascimento, pois sempre mencionava ter nascido em *Chanucá**, e a festividade na época coincidiu com o seu desembarque no Brasil. Icchak tinha um irmão, Misza (Moshe), nascido em 1923 ou 1924, na época de *Pessach** como ele dizia, e uma irmã mais nova, Cheina Gitel, nascida em 1930 ou 1931.[A]

Lida, cidade natal de Icchak Manski, hoje na Bielorrússia.
Google Maps.

Sonia, a mãe, nasceu em Eishishki, Império Russo, filha de um estudioso da Torá. Era generosa e sempre se preocupava com os pobres da cidade. Uma das suas

A- A entrevista foi complementada com informações obtidas via USC Shoah Foundation – Visual History Archive: The Holocaust Online. Testemunho concedido por Icchak Manski a Paulina Faigenboim em 1997. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=8dM-FVq4qvc&list=PLVGjXe3h5SkHw5TYhQzkTSWQf-C2Anp96f. Acesso em: 6 set. 2020. Sobre o tema ver: MANSKI, 2002; GNOZOVITS et al., 1970.



Família Manski: os pais Kalman e Sonia, Misza (com o pai) e Icchak. Lida, Polônia, s.d. Fotógrafo não identificado. Acervo: Família Manski; Arqshoah/Leer-USP.

ações era fazer *chalá** nas madrugadas de sextas-feiras para que fosse distribuída pelos filhos, Icchak e Misza, encarregados de sair com os cestos cheios do pão de *Shabat** para a entrega aos necessitados. O pai, Kalman, nasceu em Lida, então também Império Russo, e era açougueiro.

Nascido num lar religioso e onde se falava iídiche*, Icchak precisava rezar ao acordar e antes de comer. Menino, ele estudou a Bíblia na escola judaica Talmud Torah local e passou por uma escola pública polonesa, além de aprender a tocar violino. Mas gostava mesmo era de jogar futebol como zagueiro-central do time composto por amigos judeus e não judeus. Estes conheciam as festas judaicas e quando ele jogava numa sexta-feira, logo diziam: "Vai, vai embora pra casa, sua mãe vai ficar brava que está começando o *Shabat**". Adolescente, foi trabalhar numa fundição, fabricando máquinas. Certa vez, seguiu com seu time de futebol para Vilnus (Vilna) a fim de jogar contra o Makabi local, porém voltaram derrotados. A paixão pelo futebol acompanhou-o por toda a vida, inclusive passou a um neto esse gosto pelo esporte.

Lida, antes da guerra e sob a ocupação russa

Antes de 1920, Lida fazia parte da Rússia governada pelos tzares. Em 1920, a cidade foi conquistada pela Polônia e ficou sob seu domínio até setembro de 1939, início da Segunda Guerra Mundial, quando foi retomada pelos russos, tornando-se parte da República Soviética Bielorrussa.

Lida não era uma cidade grande, porém contava com uma boa estrutura social. A comunidade judaica tinha uma sinagoga e 13 casas de estudo e oração que reuniam açougueiros, sapateiros e outras profissões, um hospital e um cemitério. A cidade cresceu no período entreguerras e, em 1921, quando Icchak nasceu, viviam lá mais de cinco mil judeus, equivalendo a 40% da população local, número que cresceu para 6.335 em 1931. Nesse período, tornou-se um centro industrial com fábricas e empresas de portes variados: uma grande fábrica de galochas de borracha, famosa em toda a Polônia; siderúrgicas; uma fábrica de produtos químicos; cervejarias; moinhos de farinha e grãos diversos; jornais; restaurantes e cafés; hotéis; salas de cinema; e vários outros negócios.

Crianças na escola hebraica Tarbut em Lida [Grodno]. Polônia, 1931. Fotógrafo não identificado. United States Holocaust Memorial Museum, cortesia de Aba e Frida Gefen. Disponível em: https://collections.ushmm.org/search/catalog/pa1161884. Acesso em: 15 set. 2020.

Comunidade judaica de Lida, na Polônia, *c.* 1918-1920. Disponível em: http://www.eilatgordinlevitan.com/lida/lida.html. Acesso em: 15 set. 2020.

As instituições judaicas locais eram muito ativas, com ligas de trabalhadores e movimentos sionistas que preparavam jovens para ir à Palestina. Icchak integrava o movimento juvenil Beitar-Herut[A], mas não pôde viajar porque havia um sistema de cotas para entrar na Palestina. Naquela época, Ze'ev (Vladimir) Jabotinsky (1880-1940)[B] visitava com frequência Lida, e o jovem, que admirou o líder por toda a vida, não perdia as reuniões. Assim como Icchak, Jabotinsky manteve um grupo fiel de seguidores e admiradores em várias partes do mundo.

Vladimir Jabotinsky (centro) posa com membros do movimento sionista revisionista Betar em Posen (Poznan), na Polônia. United States Holocaust Memorial Museum. Disponível em: https://collections.ushmm.org/search/catalog/pa1150251. Acesso em: 17 set. 2020.

A- Beitar (também Betar) foi um movimento juvenil fundado em Riga em 1923. Tornou-se o movimento oficial da União dos Revisionistas Sionistas do líder Ze'ev (Vladimir) Jabotinsky. Atuava na Europa Oriental, principalmente na Polônia, que, em 1928, sucedeu à Letônia como sede da organização. Em 1930, conforme fontes revisionistas, havia 12 mil membros do Beitar na Polônia de um total mundial de 18 mil. Quatro anos depois, o número da Polônia aumentou para 40 mil de um total de 70 mil. Da Polônia, o Beitar se espalhou para outros países, inclusive a Palestina. [HUNDERT, 2010]

B- Nascido em Odessa, no Império Russo, hoje Ucrânia, em 17 de outubro de 1880, Ze'ev (Vladimir) Jabotinsky foi um líder sionista, fundador do Movimento Revisionista e Beitar, jornalista, orador, soldado, escritor, poeta e tradutor. Aos 18 anos partiu para a Itália e Suíça para estudar direito e trabalhar como correspondente para jornais russos sob o pseudônimo de "Altalena". Após os *pogroms** em Kishinev, dedicou-se à atividade sionista e à luta pelos direitos das minorias judias na Rússia. Foi eleito delegado para o 6º Congresso Sionista; em 1914, foi para o *front* como correspondente de um jornal e, junto com o ativista sionista Joseph Trumpeldor, estabeleceu a Legião Judaica; serviu no exército britânico na campanha para libertar a Palestina do domínio turco. Em 1923, o movimento juvenil Beitar (Brith Joseph Trumpeldor) foi criado, tendo Jabotinsky à frente. Entre 1928-1929, morou na Palestina e atuou politicamente, e até sua morte em 1940, nos Estados Unidos, viveu na Diáspora. Nos anos 1930 dedicou-se à comunidade judaica da Polônia e dos países da Europa Central. Em 4 de agosto de 1940, durante uma visita ao acampamento Beitar em Nova York, Ze'ev Jabotinsky sofreu um ataque cardíaco fatal. Seu túmulo encontra-se no Cemitério Nacional do Monte Herzl, em Jerusalém.

Membros do movimento juvenil sionista revisionista Betar em Bedzin, [Zaglebie; Katowice]. Polônia, *c.* 1938. Fotógrafo não identificado. United States Holocaust Memorial Museum, cortesia de Arnold Shay (Abram Szyjewicz). Disponível em: https://collections.ushmm.org/search/catalog/pa1083773. Acesso em: 17 set. 2020.

Membros do Betar posam com um retrato de Ze'ev Jabotinsky, referência também para Icchak Manski. Heidelberg, [Baden; Baden-Württemberg], Alemanha, 1947. Fotógrafo não identificado. United States Holocaust Memorial Museum, cortesia de Charlene Schiff. Disponível em: https://collections.ushmm.org/search/catalog/pa1166241. Acesso em: 17 set. 2020.

Lida ocupada

Como consequência do Pacto Molotov-Ribbentrop[A], em 18 de setembro de 1939, o Exército Vermelho entrou em Lida e a cidade passou a integrar a Bielorrússia, tornando-se parte da União Soviética. A ocupação russa dissolveu todas as organizações judaicas e muitos judeus foram presos. No entanto, a população judaica da cidade cresceu para quase 8,5 mil em razão dos judeus poloneses refugiados que planejavam alcançar Vilnus e dali partir para outros locais. Porém, grande parte desses refugiados acabou sendo deportada para o interior da Rússia em 1940.

A Alemanha rompeu o Pacto em 22 de junho de 1941 ao invadir a Rússia. No dia 25 ocorreu uma batalha nas proximidades de Lida entre os exércitos alemão e soviético e houve um bombardeio que atingiu o centro da cidade, onde vivia a maioria dos judeus, causando inúmeras vítimas. Dois dias depois as tropas alemãs entraram na cidade e, a partir daí, ocorreram inúmeras ações de violência. Com a invasão dos alemães, foi instalado um conselho judaico (*Judenrat**). No prazo de 24 horas todos os judeus foram obrigados a mudar para uma área confinada.

Assim como as demais famílias, os Manski foram obrigados a ir para um gueto e passaram a compartilhar a morada designada com outras pessoas. Na noite de 7 maio de 1942, ao conselho judaico foi exigida uma lista de judeus para realizar o trabalho de cavar valas. No dia seguinte, os nazistas fizeram a seleção das pessoas, mandando-as ir para a direita ou esquerda. Icchak foi mandado para a direita, escolhido para trabalhar, enquanto seu irmão foi mandado

A- O Pacto Molotov-Ribbentrop foi um tratado de não agressão entre a Alemanha Nazista e a União Soviética que permitiu a esses dois países dividir a Polônia entre eles. Foi assinado em Moscou em 23 de agosto de 1939 pelos respectivos ministros das Relações Exteriores dos países signatários. O tratado incluía um protocolo secreto que definia as fronteiras de influência soviética e alemã na Europa Oriental e Central. Uma semana após a assinatura, a Alemanha invadiu a Polônia, em 1º de setembro de 1939, e Stalin ordenou a invasão da Polônia em 17 de setembro de 1939.

para o lado esquerdo. Por impulso ou por intuição, ele puxou Misza para junto de si e assim ambos conseguiram escapar do massacre que ceifou a vida de 5.760 judeus que viviam em Lida. Aqueles designados para o lado esquerdo foram conduzidos em filas para a floresta de Borovka e mortos a tiros. Restaram cerca de dois mil judeus no gueto, onde permaneceram os pais e a irmã de Icchak e Misza. Logo, o gueto recebeu outros judeus vindos de cidades e aldeias vizinhas.[A]

A- No verão de 1943, o gueto de Lida abrigava cerca de 4 mil judeus, a maioria trazida de outros lugares. Os nazistas liquidaram o gueto em setembro de 1943 e os últimos prisioneiros foram deportados para o campo de extermínio de Majdanek, na Polônia. Lida foi libertada pelo Exército Vermelho em 9 de julho de 1944.

Memorial no local do assassinato dos judeus de Lida pelos nazistas e seus cúmplices. Localizado a 150 metros do anel viário de Lida, na continuação da rua Krasnoarmeyskaya, à direita na floresta, próximo ao Memorial das Crianças. Fotógrafo: Vadim Akopyan, 2011. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ghetto_Lida_a03.jpg#/media/File:Ghetto_Lida_a03.jpg, Acesso em: 16 set. 2020.

"Eu não vou esperar a morte!"

Icchak foi forçado a trabalhar sem remuneração no *Gebietskommisariat* (Comissariado da Área) que ficava fora do gueto. Como mecânico, reparava armas e fazia todo tipo

de serviço que lhe era ordenado. Ali trabalhou por oito meses junto com o amigo Baruch Levin, que comandava a resistência subterrânea do gueto, e foi escondendo peças danificadas de armas russas que iam para o lixo para depois remontá-las de forma a funcionar. Foram duas metralhadoras Pulemyot Degtyaryov, feitas a partir das peças trazidas para casa – uma delas foi sua companheira inseparável até o final da guerra; além de espingardas, as quais apelidou de Adrezanka (palavra que pode ser traduzida como "cano cortado"), e balas. Se o pegassem com essas peças a punição poderia ser a morte. Os jovens tinham um plano de fuga do gueto, levando armamento e munição, e desejavam montar um grupo de guerrilha, de resistência. Porém, encontraram oposição de certas pessoas no gueto que acreditaram nas falácias nazistas de que nada lhes aconteceria.

Antes de ir para o gueto, Icchak já tinha pensado em fugir para a floresta, pois sabia que nas proximidades existiam *partisans**. "Quero fugir o mais rápido possível", dizia, e foi contar aos pais, pois queria se despedir deles: "Eu não vou esperar a morte!" Porém,

Misza (Moshe), irmão de Icchak, juntou-se ao grupo dos irmãos Bielski, que salvou cerca de 1.200 judeus nas florestas da Bielorrússia durante o Holocausto. Disponível em: https://www.yadvashem.org/blog/solidarity-in-the-forest-the-bielski-brothers.html. Acesso em: 17 set. 2020.

eles não acreditaram que o filho os deixaria, indo para a floresta, mas tentaram convencê-lo a desistir mesmo assim. No dia da fuga, o pai foi procurá-lo. Apesar da tristeza por deixar a família, o rapaz escondeu-se atrás de uma árvore para que o pai não o visse, já que ele não o deixaria partir. Essa foi a última vez que Icchak viu seus pais e a irmã. Soube mais tarde que eles foram deportados para o campo de extermínio de Majdanek, quando da liquidação do gueto, em setembro de 1943.

Fugir do gueto era passível de denúncia, era um ato de revolta, de não aceitar aquela situação, de correr riscos de vida, além da difícil separação da família. Apesar de tudo isso, a decisão de ir embora, embrenhando-se na floresta para lutar, já estava tomada. Icchak encontrou-se com o grupo de 11 pessoas e seguiu em busca dos *partisans**, carregando sua metralhadora. Portar uma arma era uma das condições básicas para um judeu integrar-se a um grupo de resistência não judaico.

Alguns meses depois, ele ainda tentou retirar os pais e a irmã do gueto, mas como *partisan** não podia voltar à cidade. Alegando que pagaria, pediu a um cristão que fosse tirá-los do gueto, porém o pai não quis ir porque a mãe estava doente e não podia caminhar. O irmão Misza (Moshe), nessa época, também escapara para uma floresta e se unira à unidade de *partisans** dos irmãos Bielski[A].

A- Os irmãos Tuvia, Asael e Zus Bielski estabeleceram um grupo *partisan** na região de Nowogródek em dezembro 1941 e encorajavam os judeus das proximidades a escapar e se juntar a eles na floresta. Guias eram enviados aos guetos para trazer as pessoas à floresta e davam proteção aos fugitivos judeus. O grupo Bielski, além das ações de resistência contra os nazistas e colaboradores, criou uma comunidade na floresta, com oficinas para diversas profissões, moinho, padaria, enfermaria, escola para as crianças e sinagoga. Dessa forma, foram salvas 1.230 pessoas. O irmão Misza integrou-se a esse grupo quando fugiu para a floresta. Fonte: *Enciclopédia do Holocausto* – United States Holocaust Memorial Museum.

Vivendo como *partisan*

Icchak e seus amigos chegaram à floresta onde se encontravam os *partisans** Bielski, cujos pais e alguns irmãos

haviam sido assassinados pelos alemães no gueto de Nowogródek em dezembro de 1941. Lideravam o grupo os três irmãos sobreviventes da família Bielski: Tuvia (1906-1987), Asael (1908-1945) e Zus (1910-1995). Icchak conheceu e conversou com Zus, mas permaneceu por pouco tempo com o grupo. Incentivado pelo amigo Baruch Levin, seguiu para a floresta Lipiczański, no distrito de Nowogródek, onde se integrou a outro grupo de resistência, que foi aumentando e, posteriormente, dividido em várias brigadas.

Icchak integrou a Brigada Lenin, que era subordinada ao destacamento Baranowicze do movimento *partisan** soviético da Bielorrússia. O grupo destruiu as linhas férreas de Lida-Baranowicze, Baranowicze-Minsk e Wolkowysk-Bialystok, além de explodir os transportes alemães e confrontar diretamente o inimigo. Icchak foi ferido por três vezes: na orelha, ombro e perna. Ele contou que havia entre os *partisans** um chinês da Manchúria, que mal

Exemplar de um *zemlyankas*, abrigo usado pelos *partisans**, construídos na terra, na tentativa de escapar do frio, e cobertos por folhagens para ocultar a localização.
Disponível em: https://alchetron.com/Zemlyanka. Acesso em: 17 set. 2020.

falava russo, e que tinha um pedaço de carne pendurado no ombro, o qual Icchak cortou, porém, depois disso, nunca mais viu o rapaz.

Como *partisan**, Icchak Manski organizou um grupo que retirou médicos de guetos, levando-os às unidades de luta da resistência para salvar vidas. Ele dormia sempre agarrado à sua metralhadora, que pesava mais de 10 quilos, em *zemlyankas* – abrigos construídos na terra, na tentativa de escapar do frio, e cobertos por folhagens para ocultar a localização. Um desses abrigos era tão tosco que chegou a desabar sobre ele. Comia o que encontrava, pedindo para camponeses, tomava banho com neve e chegou a comer carne de cavalo. Uma vez, ele e os companheiros encontraram um cavalo morto e cada um pegou um pedaço, colocando numa caneca e levando ao fogo para cozinhar.

Ficou nas florestas desde o fim de 1941 até 12 julho de 1944, quando o Exército Vermelho chegou à cidade de Ostryna. Assim, pôde retornar a Lida, quando soube do destino dos pais e da irmã, mortos em Majdanek[A]. Lá reencontrou Misza, que também sobrevivera. Icchak ficou por ali por alguns meses trabalhando na produção de máquinas agrícolas, quando foi denunciado para a NKVD[B], que estava à sua procura. Precisou fugir e foi para Vilnus, onde reencontrou o irmão, que tomava conta de uma cadeia. Misza trabalhava muito, sangrava pelo nariz, não dormia e nem comia, e Icchak disse a ele que era melhor irem juntos para Israel porque se ele permanecesse ali morreria.

A- Majdanek foi um campo de concentração e extermínio nazista situado nos arredores da cidade de Lublin, na Polônia ocupada. Funcionou de 1941 até 1944, quando foi libertado pelas tropas soviéticas. Teve um elevado número de mortes em razão das duras condições de vida, trabalho e doenças, e por formas diretas de assassinato como afogamento em fossas, enforcamentos, espancamentos ou injeções de fenol. Mas o maior número de vítimas foi por pelotões de fuzilamento e pelas câmaras de gás. As execuções foram realizadas durante todo o período de operação do campo e a maior execução ocorreu em 3 de novembro de 1943, quando em um único dia aproximadamente 18 mil judeus de Majdanek e de outros campos de Lublin foram assassinados. Após a liquidação do campo, foram descobertos 1,3 mil m³ de composto contendo restos humanos. Fonte: State Museum at Majdanek.

B- NKVD – *Naródnyiy Komissariát Vnútrennikh Del* (Comissariado do Povo para Assuntos Internos) – era a polícia secreta soviética que prendia por qualquer causa, incentivava a delação e reprimia qualquer manifestação daqueles que eram classificados como inimigos do povo.

Registro de Icchak como partisan na Bielorrússia (1941-1944)

Name	Patronymic	Date of Birth	Last Residence	Brigade
			Oblast (administrative division)	Unit (Otriad)
MANSKI, Issac	Kalmanovich	1921	Ghetto	Leninsky Comsomol
			Baranovichskaia	Kotovskovo

O nome Issac Manski, patronímico, data de nascimento, último local de residência, unidade administrativa, brigada de *partisans** e a unidade a que pertencia, estão mencionados na base de dados de *partisan*s judeus na Bielorrússia, 1941-1944, do portal de genealogia judaica Jewishgen. Disponível em: https://www.jewishgen.org/. Acesso em: 20 ago. 2020.

Rumo à Itália

Os irmãos Manski fugiram para Lublin, na Polônia, onde passaram pelo campo de extermínio de Majdanek, que fica a cerca de quatro quilômetros da cidade. A passagem pelo campo marcou profundamente Icchak e o deixou emocionalmente abatido, quebrado, ao ver um armazém enorme com sapatos, dois armazéns com roupas e montanhas de ossos queimados, carrinhos que entravam nos fornos levando os corpos para serem queimados e a cerca de arame eletrificado. Ele e Misza decidiram que ali não era um lugar para ficarem e que seria melhor irem embora rumo à Itália, onde havia a possibilidade de seguirem para

Israel, pois lá os judeus começavam a se organizar nesse sentido[A].

Atravessaram a Polônia, Tchecoslováquia, Romênia, Alemanha e a Áustria. Em alguns países permaneceram por um tempo maior, como foi o caso da Romênia, onde o irmão mais novo conheceu a futura esposa. Foi num campo de refugiados em Salzburg, na zona americana na Áustria, que receberam o documento da UNRRA (Administração de Socorro e Reabilitação das Nações Unidas) para irem à Itália e atravessaram os Alpes a pé.

Após passarem por algumas cidades italianas, chegaram aos campos de refugiados de Modena e Sta. Cesarea[B]. Lá, Icchak sentiu-se "mais gente", em razão dos cuidados que recebeu da entidade, suprindo suas necessidades básicas.

Icchak com o uniforme de jogador de futebol, em Milão, na Itália, em 1946. Fotógrafo não identificado. Acervo: Família Manski; Arqshoah/ Leer-USP.

A- Após a Segunda Guerra Mundial, a Itália foi o principal país de trânsito para os judeus refugiados que queriam ir para a Palestina. Mas a sua permanência em solo italiano foi estendida em razão da política britânica de anti-imigração que até 1948 impedia-os de entrar. Em fins de abril de 1945, com a rendição alemã na Itália, em três meses, de 13 mil a 15 mil sobreviventes do Holocausto – *partisans** e sobreviventes de guetos e campos – chegaram ao país vindos principalmente da Polônia, Hungria e dos países Bálticos. Entre 1945-1951, havia cerca de 70 mil refugiados judeus em 35 campos de pessoas deslocadas. Yehuda Tobin, um soldado da Brigada Judaica, escreveu em junho de 1945 uma carta que enviou da Itália: "Você viu? … Os rostos dos sobreviventes dos campos de extermínio? Eu os vi com meus próprios olhos ... Os cabelos dos meninos começaram a crescer; as cabeças cheias de restolho parecem tão estranhas. O visual especial que não tenho o poder de descrever, a expressão facial. Esses meninos ... tinham 10, 11, 12 anos quando a guerra estourou. Eles "passaram" a maior parte dos [últimos] 5-6 anos em guetos, campos de concentração, florestas, fugindo ... O medo toma conta de mim quando penso nesses meninos. O que eles não suportaram? Como eles conseguiram escapar da morte? Que tipo de juventude eles tiveram?" *DP CAMPS AND HA-CHSHAROT IN ITALY AFTER THE WAR.* Disponível em: https://www.yadvashem.org/yv/en/exhibitions/dp_camps_italy/index.asp. Acesso em: 6 set. 2020.

B- Sta. Cesarea era campo de refugiados nas Termas de Sta. Cesarea, Apulia, na Itália, criado logo após a Segunda Guerra Mundial. Inicialmente esteve sob supervisão da Comissão Aliada, e em 1º de agosto de 1946 passou à esfera da UNRRA.

No entanto, sua personalidade inquieta, após algum tempo, fez com que buscasse uma forma de melhorar sua situação e foi a Trieste em busca de algum meio de ganhar dinheiro, enquanto o irmão e a esposa permaneciam no campo.

Crianças em idade escolar no campo de Sta. Cesarea, na Itália, s.d. Fotógrafo não identificado. Disponível em: https://www.trumanlibrary.gov/public/PagesfromImagesofLife1-30.pdf. Acesso em: 6 set. 2020.

Icchak permaneceu na Itália por pouco mais de um ano, aguardando viajar para Israel. Enquanto isso, trabalhava fazendo câmbio de moeda e negociando dólares em estações e em trens. Seu plano era trocar *schillings* austríacos por dólares americanos, muito mais valorizados. Com pouco dinheiro no início, a quantia foi sendo multiplicada e ao término de três viagens chegou a ser significativa.

Ele entrava nos trens sem pagar a passagem, e, ao ser enxotado, tomava o próximo trem. Saía de Trieste, passando por Liubliana, Zagreb e Belgrado, até chegar a Bucareste. Dormia nas estações ou nos trens. Porém, no último retorno, *partisans** iugoslavos prenderem-no como suspeito, pois estava sem documentos e levava uma certa quantia em dinheiro. Apesar do valor confiscado, sua rebeldia e a garra pela ação podem explicar a curta permanência na prisão – três a quatro dias –, pois fugiu pulando um muro de quase cinco metros e conseguiu retornar à Itália. "Então me pegaram, me puseram na prisão. Na prisão não estava bom, então fugi. Eu vi que, a partir desse dia, tem que andar no caminho direito, porque pra não ir pra prisão", contava ele.

Icchak Manski, segundo à esquerda, e a cunhada Dina Manski, segunda à direita, com um grupo de amigos na Itália em 1946. Fotógrafo não identificado.
Acervo: Família Manski; Arqshoah/Leer-USP.

O campo de refugiados passou, após seu retorno, a ser o local escolhido para trabalhar e poder ganhar um pouco de dinheiro. Como era comerciante nato, durante poucos meses trabalhou como mascate, realizando compras em um lugar e vendendo em outro, mas tendo sempre como ponto de referência o campo de Sta. Cesarea. Comprava óleo no sul da Itália e ia a Roma ou Óstia revender; comprava papel fino de cigarro na Áustria e revendia na Itália. Numa dessas viagens comerciais, passando por Viena para chegar a Graz, estava em companhia de um rapaz chamado Mehler, que quebrou a perna, e Icchak precisou carregá-lo nas costas o resto da jornada.

Da Itália para o Brasil

E assim foi a vida do mascate até receber a notícia de facilidades para quem quisesse emigrar e, graças ao Joint (American Jewish Joint Distribution Committee)[A], Icchak recebeu passagens para ao Brasil. Embarcou em Gênova para uma nova vida, chegando ao Rio de Janeiro em 22 de dezembro (data que considerou como a de seu nascimento) de 1946 e seguiu para S. Paulo. Aqui, não conhecia e não tinha ninguém. Ficou por alguns dias, por oferta do Joint, no Hotel Progresso, na rua Florêncio de Abreu, até ser empregado na fábrica de parafusos de um judeu e conseguir alugar um quarto, no bairro do Bom Retiro. O irmão e a esposa vieram ao Brasil cerca de um ano depois.

Pouco tempo depois, Icchak conheceu em um baile a futura esposa, Rosa, cuja família viera da Bessarábia para o Brasil antes da guerra. Casaram-se em 1949 e tiveram quatro

A- O JOINT ou JDC (American Jewish Joint Distribution Committee) foi fundado em 1914, inicialmente para fornecer assistência aos judeus que viviam na Palestina sob o domínio turco. Entre 1933-1945, dedicou-se especificamente a auxiliar os judeus da Europa Oriental e Ocidental na sua fuga do nazismo e, após a guerra (1945-1950), passou a auxiliar os sobreviventes do Holocausto na sua reabilitação e imigração. Com sede em Nova York, o Joint tinha o objetivo de agilizar a emigração dos sobreviventes do Holocausto que, após a libertação dos campos de concentração, aguardavam por auxílio nos campos de refugiados organizados pelos Aliados. Durante a guerra, Luís Lorch, então presidente da Congregação Israelita Paulista (CIP), era o representante do Joint no Brasil.

Icchak Manski (primeiro à direita, agachado) a caminho do Brasil, s.l., s.d. Fotógrafo não identificado. Acervo: Família Manski; Arqshoah/Leer-USP.

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
FICA CONSULAR DE QUALIFICAÇAO
Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Policia Maritima e à Imigração no pôrto de destino

Nome por extenso ICCHAK MANSKI
Admitido em território nacional em carater permanente
(temporário ou permanente)
Nos termos do art 9 letra----- do dec n7967 , de 1945
Lugar e data de nascimento Lublin(Polonia),22/12/1921
Nacionalidade apatrida Estado civil solteiro
Filiação (nome do Pai e da Mae) Kalman Manski e Sonia Lidska Manski Profissão mecanico
Residência no pais de origem Não tem.Na Italia:Florença, Viale Duca di Genova 6

	NOME	IDADE	SEXO
FILHOS MENORES DE 18 ANOS			

Passaporte 2.427 expedido pelas autoridades de Cruz Vermelha Internacional, Roma na data 20/9/1946
vitado sod n. 150
ASSINATURA DO PORTADOR:
Icchak Manski
NOTA - Esta ficha deve ser preenchida à maquina pela autoridade consular, sendo as duas vias em original.

Consulado------ do Brasil em Livorno
27 de Setembro de 1946
O CONSUL:

Ficha consular de Icchak Manski, na condição de apátrida, emitida pelo consulado-geral do Brasil em Livorno em 27 de setembro de 1946. Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah/Leer-USP.

filhas: Beti, Sonia, Regina e Lilian. Como homem de ação, ele despediu-se do emprego e abriu uma oficina para fazer o que gostava: inventar coisas. Foram várias as invenções: um fervedor de leite, que era uma espécie de panela elétrica; um ferro elétrico com resistência; um miniferro de passar para viagem; a panela de pressão Imperial, entre outras criações.

Muito observador, percebeu que o cabo da panela quando queimava cheirava muito forte e que o cabo dos ferros de passar roupa aqueciam em demasia. E foi com a baquelite[A] que ele conseguiu resolver o problema.

A- Baquelite é uma resina sintética que leva o sobrenome de seu descobridor: Baekeland. Resistente à ação de solventes e água, alta resistência ao calor, eletricidade e impacto, era utilizada em produtos de cozinha, brinquedos, telefones de disco e discos musicais.

Miniferro elétrico Bastos – Viagem, inventado e fabricado por Icchak Manski. S. Paulo, s.d. Fotógrafo não identificado. Disponível em: https://www.santavelharia.com.br/peca.asp?ID=4511799&ctd=18&tot=&tipo=. Acesso em: 8 set. 2020.

Usando sua criatividade, embora não fosse e nem tivesse estudado química, passou a produzir o pó de baquelite para vendê-lo aos fabricantes de diversos produtos como interruptores, utensílios de cozinha etc. Também resolveu produzir a matéria-prima para a produção de melamina – um plástico rígido e durável utilizado em superfícies, louças e utensílios domésticos. Como faltava formol para essas produções, decidiu enveredar por um outro caminho e abriu uma petroquímica, uma empresa de grande porte. A necessidade de modernização da empresa, no entanto, foi o fator principal para a sua venda em 1998, o que lhe causou imensa tristeza porque sempre fora um homem de ação, ideias e trabalho.

Apesar de não ter seguido para Israel logo após a guerra como desejava, visitou o país várias vezes e deixou registrados os nomes e os destinos dos pais e da irmã no Museu Memorial do Holocausto, o Yad Vashem, em Jerusalém. Educou as filhas na religião, frequentava a sinagoga e também jogava futebol, esporte que era sua paixão desde criança. Considerava que ajudar Israel era a maior *mitsvá** de todas.

Icchak e a paixão pelo futebol. É o segundo, em pé, da esquerda para a direita,
s.l., s.d. Fotógrafo não identificado.
Acervo: Família Manski; Arqshoah/Leer-USP.

Icchak faleceu em 12 de outubro de 2010. "Um homem que olhava para a frente, ele não olhava para trás, o seu foco era o amanhã. O passado foi horrível, mas acabou", assim era ele nas palavras de suas filhas. Apesar de não ter contado à família sobre seu passado, Icchak Manski teve seu nome e ações como *partisan** registrados no *Sefer Lida* – Livro Memorial de Lida –, publicado em Tel Aviv, Israel, em 1970; *The Jewish resistance the history of the Jewish partisans in Lithuania and White Russia during the Nazi occupation, 1940-1945,*1977; *Unequal Victims: Poles and Jews During World War Two,* 1986; *The Jews of Bielorussia During World War II*, 1998; *Resplandor en las tinieblas nazis: Un abordaje participativo del Holocausto,* 2018.

O legado de Icchak está gravado em sua *matzeiva**: "Que seu ânimo, força de vida e generosidade sobrevivam em nós."